



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JAQUELINE SOARES DA SILVA

MEMÓRIAS DE TATUOCA ã UMA HISTÓRIA FAMILIAR

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ã MODALIDADE ARTIGO

RECIFE

2019

MEMÓRIAS DE TATUOCA ã UMA HISTÓRIA FAMILIAR

Autora: Jaqueline Soares

Orientadora: Joanna Lessa

Resumo

Neste artigo apresentamos o processo que registrou o modo de vida e os impactos ocasionados pelo processo de mudança forçada dos moradores da Ilha de Tatuoca para a Vila Nova Tatuoca, a partir da genealogia e da memória dos seus habitantes mais velhos. Esta mudança forçada foi ocasionada pelas obras de ampliação do Complexo Industrial Portuário de Suape. Por meio das memórias dos antigos moradores da Ilha, evidenciamos outra versão dos fatos relativos aos impactos gerados a partir da chegada do complexo de Suape na região. Metodologicamente, utilizamos algumas técnicas para sensibilização da memória, realizamos entrevistas com cinco mulheres idosas consideradas lideranças das principais famílias da área e, a partir destas, criamos a genealogia de algumas das famílias que viveram na Ilha de Tatuoca, como também apresentamos parte da memória relatada pelos antigos moradores. Durante o trabalho pudemos observar que o conceito de família é um elemento importante para o fortalecimento identitário da comunidade e para a construção de uma identidade coletiva e única dos últimos moradores da Ilha de Tatuoca.

Palavras-chaves: memória, Ilha de Tatuoca, genealogia, Suape.

MEMORIES OF TATUOCA - A FAMILY HISTORY

Abstract

In this article we present the process that recorded the way of life and the impacts caused by the process of forced change of the inhabitants of Tatuoca Island to Vila Nova Tatuoca, based on the genealogy and memory of its older inhabitants. This forced change was caused by the expansion works of the Suape Port Industrial Complex. Through the memories of the ancient inhabitants of the Island, we show another version of the facts about the impacts generated from the arrival of the Suape complex in the region. Methodologically, we used some techniques to sensitize memory, we interviewed five elderly women considered leaders of the main families of the area and, from these, we created the genealogy of some of the families that lived in Tatuoca Island, as well as presenting part of the reported memory by the ancient residents. During the work we could observe that the concept of family is an important element for the strengthening of the identity of the community and for the construction of a collective and unique identity of the last inhabitants of Tatuoca Island.

Keywords: memory, Tatuoca Island, genealogy, Suape

MEMÓRIAS DE TATUOCA ã UMA HISTÓRIA FAMILIAR

Resumo

Neste artigo apresentamos o processo que registrou o modo de vida e os impactos ocasionados pelo processo de mudança forçada dos moradores da Ilha de Tatuoca para a Vila Nova Tatuoca, a partir da genealogia e da memória dos seus habitantes mais velhos. Esta mudança forçada foi ocasionada pelas obras de ampliação do Complexo Industrial Portuário de Suape. Por meio das memórias dos antigos moradores da Ilha, evidenciamos outra versão dos fatos relativos aos impactos gerados a partir da chegada do complexo de Suape na região. Metodologicamente, utilizamos algumas técnicas para sensibilização da memória, realizamos entrevistas com cinco mulheres idosas consideradas lideranças das principais famílias da área e, a partir destas, criamos a genealogia de algumas das famílias que viveram na Ilha de Tatuoca, como também apresentamos parte da memória relatada pelos antigos moradores. Durante o trabalho pudemos observar que o conceito de família é um elemento importante para o fortalecimento identitário da comunidade e para a construção de uma identidade coletiva e única dos últimos moradores da Ilha de Tatuoca.

Palavras-chaves: memória, Ilha de Tatuoca, genealogia, Suape.

MEMORIES OF TATUOCA - A FAMILY HISTORY

Keywords: memory, Tatuoca Island, genealogy, Suape

Introdução

Este artigo consiste no Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Plena em História da UFRPE, semestre 2018.2 e apresenta de maneira sucinta a experiência de pesquisa iniciada no Programa de Iniciação Científica intitulado óMemórias de Tatuoca: Entre a Ilha e a Vilaô, vivenciada no projeto de extensão óTecendo Histórias a partir do Lazer e da Extensão Ruralô no ano de 2016 e óLazer e Extensão Rural na comunidade de Tatuocaô, em 2017. A pesquisa teve como objetivo entender as transformações ocasionadas pela chegada do Estaleiro Atlântico Sul, que integra o Complexo Industrial de Suape, na população que vivia na Ilha de Tatuoca, usando como base de investigação as memórias destes moradores e contou com a orientação da professora Joanna Lessa, a partir de seu projeto de investigação óLazer,

campesinato e segurança alimentar: Relações e Reflexões e com a parceria do Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A comunidade de Tatuoca foi totalmente retirada da ilha localizada no município de Ipojuca, Pernambuco, no ano de 2014 e realocados na Vila Nova Tatuoca, no Cabo de Santo Agostinho. Por meio das memórias dos antigos moradores da Ilha de Tatuoca, evidenciamos outra versão dos fatos gerados pelos impactos resultantes da chegada do complexo de Suape na região.

Metodologicamente, utilizamos entrevistas e, a partir delas, produzimos a genealogia de algumas das famílias que viveram nessa Ilha, construindo assim um importante documento histórico a partir do olhar da comunidade sobre o processo de ocupação e desocupação do local referido. Segundo os moradores, aproximadamente 50 famílias viveram na Ilha de Tatuoca por décadas, mantendo-se da agricultura de subsistência, da coleta de frutas e da pesca. Durante esse tempo, os moradores sobreviveram quase que com a completa ausência do Estado, passando a conviver com as transformações espaciais decorrentes da implementação do Complexo Industrial do Porto de Suape (CIPS) em seu entorno.

Para justificar sua ação, o CIPS assumiu o discurso de "interesse de bem comum" destacando a geração de emprego e renda para o estado. No entanto, não levou em consideração os grupos tradicionais que vivem da natureza e têm outra relação com o a produção de alimentos e qualidade de vida. Assim, esses moradores iludidos pelo discurso de que seriam beneficiados pelo crescimento econômico da região, depararam-se, poucos anos depois, com a triste realidade de não fazerem parte deste processo, sendo vistos como empecilhos ao desenvolvimento. Seus valores e tradições historicamente construídos não foram considerados importantes e eles deixaram de ser autônomos (pescadores e coletores) e passaram a ser desempregados, pois não conseguiram ser inseridos na estrutura do capital representado pelo CIPS.

Neste artigo traremos a metodologia utilizada em campo relatando as iniciativas de sensibilização para que a memória coletiva dos moradores da ilha fosse revelada e dos métodos utilizados como a produção da linha do tempo e a construção inicial da genealogia de algumas famílias da comunidade. Nos dois tópicos seguintes, apresentamos alguns dos dados adquiridos, tanto da genealogia, como da memória dos moradores de Tatuoca, e nas considerações finais trazemos interpretações possíveis diante dos dados históricos coletados.

Metodologia

Esta pesquisa teve em seu cerne a lógica interdisciplinar. Ela aproximou campos da historiografia, da educação, da antropologia, da sociologia, entre outros. Ainda existem poucos

trabalhos acadêmicos desenvolvidos na região e a principal ferramenta que utilizamos para a construção dos dados e aproximação com os moradores da Vila foram realização das imersões do Projeto de Extensão algo próximo de uma perspectiva etnográfica. Estas imersões foram pequenos períodos de tempo onde literalmente vivemos na Vila de Tatuoca, e fizemos uma análise do processo histórico a partir da memória dos moradores e não apenas da situação atual da comunidade no local. Com esta convivência cotidiana com os moradores e moradoras. Participei de duas delas: de 06 a 09 de outubro de 2016 e de 16 a 19 de março de 2017, ali tivemos a possibilidade de estreitar os laços e entender que todas as experiências são significativas para a construção da pesquisa e para diminuir barreiras que muitas vezes impedem a aproximação das pessoas com a universidade.

O registro da memória e a busca pela história oral foi o que motivou a base da pesquisa através dos relatos dos moradores que têm sua história de vida atrelada ao seu local de origem e que se tornam, portanto, fundamentais para compreendermos o quão devastador foi esse processo de modificação e de retirada pelo qual passam atualmente. Segundo Antônio Montenegro, em *História Oral e Memória* (2007), essa metodologia possibilita registrar os caminhos de vivências pessoais por meio da memória ligada à identidade. A história oral tem como finalidade relacionar estes dois aspectos vivências pessoais e identidade de maneira a propor que um conduz ao outro. Em conjunto, memória e identidade se enlaçam, possibilitando a realização de estudos que saiam do tempo presente, de personagens vivos que, mais do que testemunhar um fato ou relatar trajetórias, permitam ver ao processo de seleção dos acontecimentos para a, de constituição de discursos e, assim, abrem-se a exames que extrapolam a constatação dos fatos.

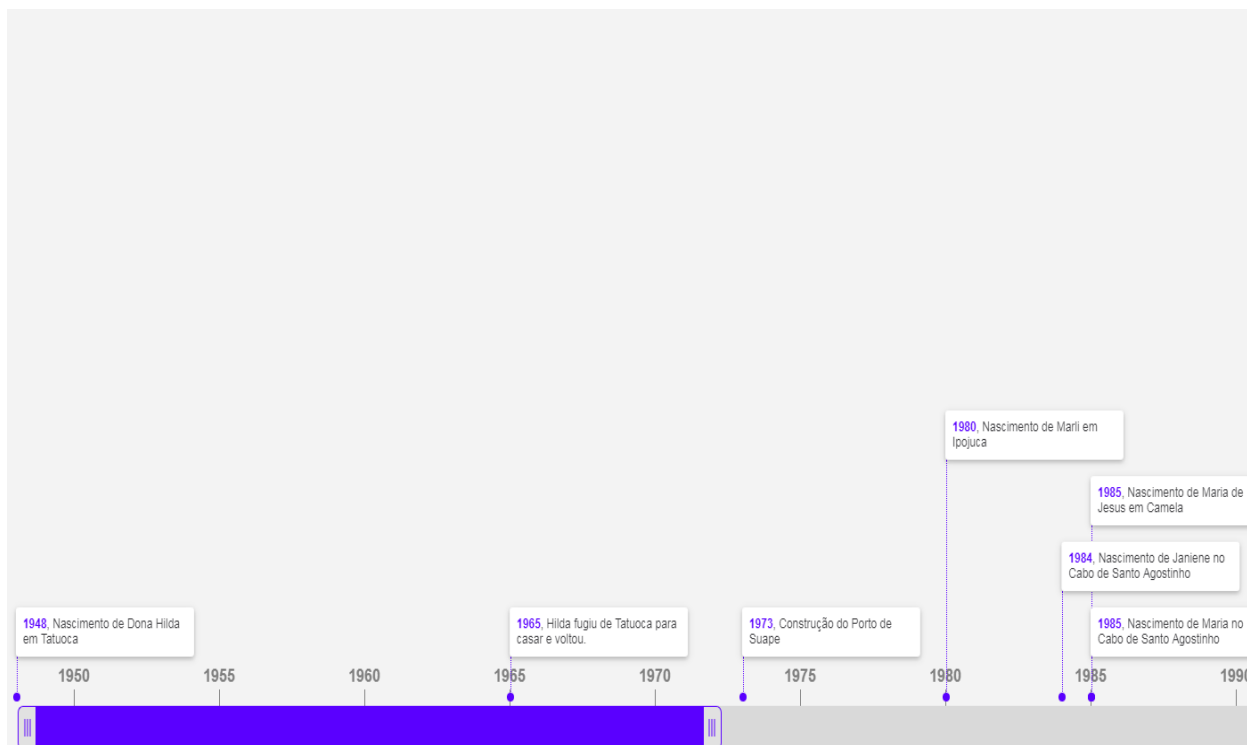
As vivências realizadas no campo, que se deram a partir da minha participação no projeto de extensão *Tecendo Histórias a partir do Lazer e da Extensão Rural*, geraram a ideia de realizar um projeto de pesquisa baseado na história oral quando foi possível fazer uma primeira tentativa de pôr em prática esta metodologia. Participei das atividades de extensão desenvolvidas em Tatuoca, na perspectiva de contribuir ativamente em uma comunidade e desenvolver uma atividade, que seria importante para mim e para eles, focando na valorização da memória de um grupo social pouco valorizado.

A primeira atividade realizada foi a produção de uma linha do tempo a partir da conversa com as mulheres¹, registrando as datas de nascimento delas e das crianças presentes naquele momento e depois pedindo que as mulheres contassem alguma história ou caso significativo durante o tempo em que viveram na Ilha de Tatuoca. Dividimos os fatos em situações que aconteceram e impactaram toda a comunidade, como a implementação do CIPS (Complexo

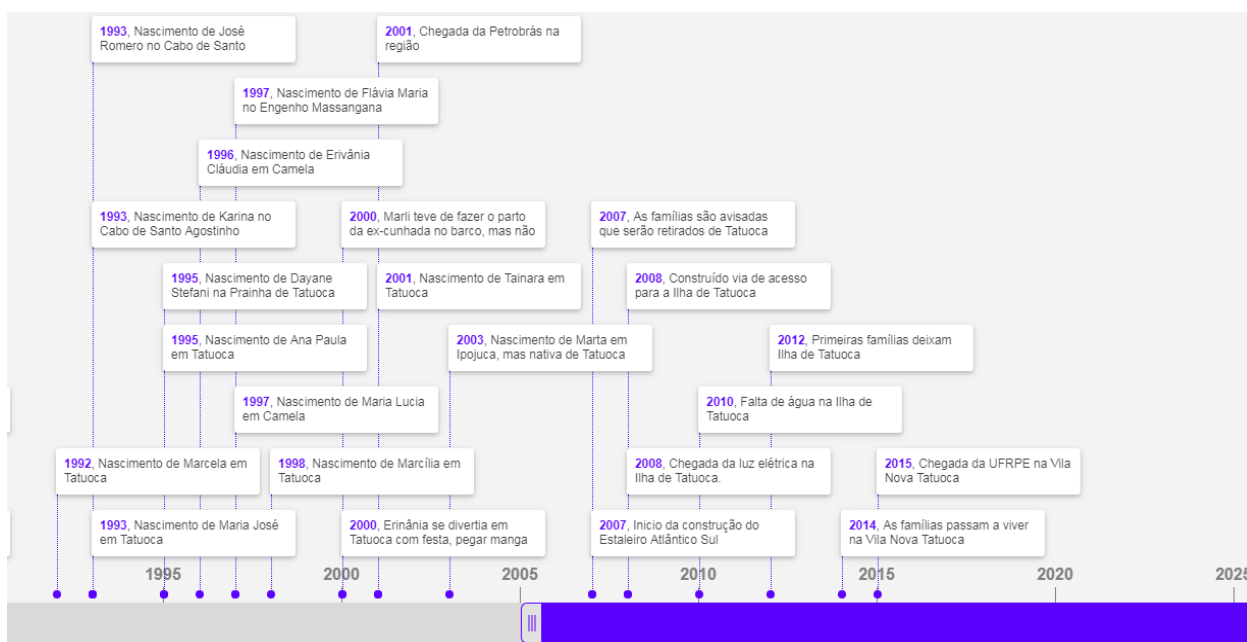
¹ É válido ressaltar que nessa etapa do projeto havia apenas um homem.

Industrial Portuário de Suape) e histórias pessoais vividas durante os anos na Ilha. Percebemos durante o processo de realização da linha do tempo que as questões que são de grande importância para nossa pesquisa, como a vida na Ilha de Tatuoca e o conhecimento da rotina e das situações típicas na Ilha, eram muitas vezes vistos como algo sem importância para as pessoas.

Linha do tempo das moradoras de Tatuoca em julho de 2016.



Linha do tempo ã 1948 até 1990



Linha do tempo ã 1990 até 2015

A metodologia da linha do tempo nos fez compreender como a comunidade enxergava os fatos pelos quais passaram e nos deu a possibilidade de ver como essas pessoas sentiram a chegada de Suape ao longo das três décadas de implementação do megaprojeto na região. Para elas em 1970 não era possível ver os impactos desta construção na Ilha, e só passaram a compreender o que era Suape a partir de 2009, quando algumas pessoas da ilha passaram a trabalhar na construção do estaleiro.

A construção da linha do tempo nos apresentou uma realidade: as mulheres de Tatuoca não compreendiam a necessidade do registro da história da Ilha; eles julgavam que falar do passado era uma perda de tempo, o que nos fez concluir que seria necessário sensibilizá-los para a compreensão da importância da história e da memória para a valorização da vida que levaram em Tatuoca.

Quase todas as pessoas que participaram deste momento nasceram na Ilha de Tatuoca e outras chegaram após o casamento. A inclusão dos nomes e datas de nascimento foram importantes pois evidenciou para as pessoas que essas informações também são elementos históricos, assim como também alguns relatos pessoais que apresentam aspectos do modo de vida e das relações sociais na Ilha de Tatuoca neste passado recente.

Durante o trabalho de campo elas encontraram dificuldades² Em se aproximar da Ilha de Tatuoca e este fato foi muito presente durante a construção da linha do tempo, pois era muito simbólico para elas não terem acesso ao local em que viveram por tanto tempo, sendo toda área monitorada por vigilantes que limitam o acesso e a prática da pesca e coleta de frutas, algo que gerou impactos negativos para toda a comunidade, pois essas práticas são as fontes de renda daquelas famílias.

Após a produção da linha do tempo, decidimos desenvolver algumas iniciativas para estimular a valorização e a preservação da memória coletiva. A principal dessas ações foi realizada no projeto de extensão *ÓTecendo Histórias* a partir do Lazer e da Extensão Rural^ô, que durante a realização da Colônia de Férias de Tatuoca, definimos o tema: *óMemórias de Vida e Lutaô*. Esse período de férias foi realizado nos dias 12, 14 e 15 de julho e em sua programação tivemos algumas visitas, entre elas aos museus: *óMuseu do Homem do Nordesteô* (Recife) e o *óEngenho Massanganaô* (Cabo de Santo Agostinho). Após a Colônia de Férias identificamos um maior interesse das participantes do projeto em participar das ações que envolviam memória e ajudaram a identificar quem deveria ser entrevistado para coletar informações sobre as memórias da vida na Ilha de Tatuoca.

² A partir da intervenção do Fórum Suape, em audiência pública realizada no ano passado, os moradores puderam voltar a visitar a ilha, porém as práticas de pesca e de coleta de frutos ainda estão suspensas. Durante o processo de coleta de dados, não visitamos a Ilha de Tatuoca.

Percebemos que a pesquisa se aproximava de uma experiência etnográfica, o que foi um desafio, já que esta não é uma metodologia muito utilizada na história. Essa dinâmica ocasionou a aproximação com a comunidade, além de possibilitar o entendimento de que precisava trabalhar a pesquisa de uma maneira que fizesse sentido para a comunidade, para que ela compreendesse as perguntas que eram propostas. Como afirma Bronislaw Malinowski, em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*:

Um trabalho etnográfico só terá valor científico se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI, 1976, p. 18).

No começo do trabalho de campo nas Ilhas Trobriand, Malinowski conta que não foi possível entrar em conversas mais explícitas ou detalhadas com os nativos; a solução encontrada era coletar dados concretos, e, assim, passou a fazer um recenseamento da aldeia: anotou genealogias, alguns desenhos, relação dos termos de parentesco, etc.

Nosso trabalho teve dificuldades semelhantes e por isso recorremos a estratégias semelhantes: optamos por focar as questões na história das famílias, a quantidade de filhos e netos e as relações familiares entre os moradores da Ilha de Tatuoca. Isso fez com que adquirissem muitas informações familiares, o que fez com que a genealogia se tornasse uma opção viável para a realização da pesquisa. Assim, a genealogia foi a principal estratégia de diálogo com a comunidade. Diferentes gerações contribuíram no processo, inclusive adolescentes da Vila. Vimos também que a árvore genealógica é um bom produto que irá contribuir para a construção de dados históricos sobre a comunidade.

Memória é aquilo que costumamos nos lembrar do nosso cotidiano, é algo que foi vivido ou aprendido e está diretamente associada com as nossas emoções. A memória, não necessariamente, é algo linear. Ela é seletiva, já que não é possível para o ser humano comum lembrar-se de tudo que viveu, e assim, o esquecimento é algo que faz parte da memória. Por vezes também pode ser caracterizada como algo alegórico. É comum, por exemplo, que não nos lembremos de algo como aconteceu exatamente, porque a nossa memória muitas vezes reinterpreta as experiências que vivemos.

Memória é algo que cria base através da emoção por ela possuir um significado para quem vivencia determinada situação que poderá ser retomada e resignificada através da associação com outras experiências de vida. O fato de termos memória nos dá a possibilidade de nos identificarmos com o outro e está diretamente ligado com a experiência que nos faz humanos. Lidar com essa faculdade é trabalhar com uma fonte rica, mas que precisa ser

balanceada com outros documentos para que se entenda melhor a lógica por trás do acontecimento. Neste trabalho não foi possível encontrar outros documentos para comparar com os relatos, mas as entrevistas indicam caminhos metodológicos e informações primordiais para a compreensão das transformações ocorridas no território de Suape.

A Genealogia

A produção da genealogia aconteceu de novembro de 2016 a março de 2017, onde iniciamos entrevistando cinco pessoas - acessando a 05 grupos familiares diferentes - sendo três matriarcas idosas e que passaram boa parte da vida na Ilha de Tatuoca, e duas pessoas adultas (um homem e uma mulher) acima dos 30 anos, que nasceram e foram criados lá. A proposta inicial de fazer entrevistas semiestruturadas foi substituída pela condução livre da entrevista, tornando o momento mais rico por quê havia maior interação com os entrevistados. Sempre iniciamos este momento perguntando sobre a configuração da família. A partir da obtenção destes dados familiares, todas as pessoas entrevistadas trouxeram outros pontos importantes sobre a rotina na Ilha, as mudanças ocasionadas por Suape e a realidade atual da Vila de Tatuoca.

Um dos grandes momentos do projeto de pesquisa³ consistiu na apresentação dos dados coletados para a comunidade de Tatuoca no galpão da Associação dos Moradores de Tatuoca. Considero este momento importante pois foi o nosso repasse para a comunidade do que registramos durante o tempo de pesquisa. Essa atividade integrou a 4ª imersão dos projetos de extensão da UFRPE. Um dos pontos apresentados pela comunidade durante os encontros de organização desta imersão era a necessidade de trabalhar os laços familiares existentes entre eles. Acreditamos que os dados coletados para a genealogia serviram para relembrar laços fortes no passado, hoje um pouco estremecidos desde a chegada dos moradores à Vila Nova Tatuoca.

Para a apresentação, cada integrante das 4 famílias foi representado simbolicamente como um pequeno peixe, com os dados que já haviam sido coletados sobre aquela pessoa, tais como o nome completo, idade, relação familiar, onde moravam, se tinham casa na vila de Tatuoca, etc (Foto 1). Agrupamos estes peixes em "grandes cardumes" separados. Uma rede de pesca emprestada pela comunidade foi utilizada e montamos esta estrutura de maneira que as pessoas tivessem que passear por toda a área para enxergar todas as famílias organizadas na forma de

³ Essa apresentação foi sugerida durante a apresentação do relatório parcial da iniciação científica para os professores avaliadores. Eles incentivaram a continuação do estudo dessas relações familiares para além dos laços de sangue e a pensar em outras formatações que ultrapassam a ideia de genealogia tais como constelação familiar, cartografia social, entre outros.

"cardumes". As famílias foram apresentadas com as pessoas mais antigas no topo, e na base, as crianças que apareceram durante o processo de coleta de dados.



Foto 1 - Formação do cardume familiar.

Observamos que todas as pessoas gostaram daquela maneira de serem retratadas, como peixes em uma rede, já que isso está diretamente relacionado com a realidade profissional delas. Após esse momento, buscamos identificar possíveis inconsistências nos dados apresentados. Usando técnicas de visualização, as participantes indicaram quantas daquelas pessoas haviam nascido na Ilha de Tatuoca (Foto 2). Muitas delas se envolveram nesta atividade durante um bom tempo. A segunda atividade desenvolvida trabalhou o conceito de Família Ampliada. Pedi que as pessoas indicassem quais peixes eram considerados como seus familiares, mesmo que não possuíssem relações na lógica da família tradicional (biológica-sanguínea).



Foto 2 ã Interação das mulheres da comunidade com os cardumes

Cada uma delas escreveu o seu nome em um *post it* e marcou outros possíveis familiares. Observamos que as relações familiares são muito fortes entre os moradores da Vila, pois há uma concepção de família ampliada para além dos vínculos consanguíneos, como pôde ser observado quando os adolescentes da Vila chamam todos os mais velhos de avós e os respeitam como tal. Esta metodologia nos aproximou dos moradores mais idosos desta comunidade que tem uma realidade que muitas vezes esquece a contribuição que os mais velhos tiveram para a formação de Tatuoca.

Desde quando optamos pela ideia de genealogia, houveram algumas dificuldades para apresentar os dados graficamente, pois existiam informações de mais de 70 pessoas. Não estávamos conseguindo sistematizar essas informações de maneira a fazer entender as relações familiares. Optamos por registrar as principais informações dos quatro grandes grupos familiares que entrevistamos ao longo da pesquisa. As pessoas que as mulheres indicaram como seus familiares também foram agrupadas de acordo com a lógica de família ampliada.

É importante ressaltar que a pesquisa trabalhou majoritariamente com mulheres idosas, adultas e adolescentes, e tal recorte nos levou a uma perspectiva feminina da história, geralmente apagada e retirada do lugar de fala do conhecimento histórico.

No texto *ÓLas Mujeres y los silencios de la historia*, a autora Michelle Perrot (2006) nos fez pensar sobre o silêncio das mulheres na história e de como durante muito tempo elas foram mudas e ausentes, principalmente no que toca a vida cotidiana e de como nelas está localizada o conhecimento do local. Ouvi-las é antes de tudo empoderar todo este conhecimento que é ainda pouco valorizado. A partir de leituras sobre o tema e pesquisas desenvolvidas em Tatuoca, como também as informações obtidas na linha do tempo, nas entrevistas e na genealogia, a ideia central desta pesquisa era que contribuimos com a discussão de construção da memória a partir de uma visão descolonizada, contra hegemônica e baseada na valorização da comunidade pesqueira tradicional de Tatuoca. Como afirma Maria Paula Menezes, através de uma publicação na revista *Crítica de Ciências Sociais*:

A constituição mútua do Norte e Sul e a natureza hierárquica das relações Norte-Sul permanecem ativas na persistência das relações capitalistas e imperiais. É necessário construir outra forma de construção de conhecimento, tendo como base os saberes dos povos do sul, que construíram alternativas a perspectiva hegemônica do mundo. (MENESES, 2008, p. 5)

As relações hierárquicas ainda são muito fortes nos antigos territórios coloniais, seja na construção do conhecimento, seja nas relações políticas e internacionais que consideram estes territórios como terceiro mundo, ou os chamados países em desenvolvimento. Estes países,

geralmente localizados no sul do mundo, sempre estão em segundo plano nas grandes decisões mundiais e continuam seguindo os modelos dos colonizadores europeus e das grandes economias mundiais. No mundo ocidental em que vivemos hoje, somos considerados a periferia do mundo nesta relação norte e sul, como também costumamos definir o conhecimento do povo, a chamada cultura popular, como conhecimento periférico e de menor valor para a construção da sociedade. Esta visão, claramente, é fruto de uma perspectiva colonizadora forte no nosso pensamento cotidiano. Cabe a nós, estudantes, professores e pesquisadores do "sul do mundo", lutar e produzir não apenas pela independência política, mas também pela independência epistemológica, construindo saberes ódescolonizantes.

Construir a genealogia de Tatuoca se orientou fortemente por esta discussão teórica e contribui com uma história produzida em conjunto com um segmento historicamente excluído na perspectiva colonial da construção do conhecimento.

A genealogia construída é inicial, mas apresentou informações que a comunidade considera importante compartilhar. A partir dela, encontramos que passaram toda a vida na Ilha de Tatuoca. Logo abaixo apresentamos o resumo das quatro famílias que compõem hoje a genealogia construída durante o trabalho em Tatuoca. Esses dados subsidiaram nossa reflexão no sentido de perceber a existência na Ilha de uma grande família, tanto do ponto de vista biológico das relações consanguíneas, quanto de um ponto de vista mais amplo, comunitário, de uma família ampliada. Isso fica evidente em costumes simbólicos como pedir a benção às diversas tias e avós de consideração.

Família ã Dona Hilda

Matriarca - Hilda Francisca da Silva ã 68 anos (nasceu em Tatuoca)

- 14 integrantes relacionados
- 13 filhos ã 7 homens e 6 mulheres Todos Nasceram em Tatuoca
- 2 filhos falecidos (Um deles morreu enquanto trabalhava em obras do Porto de Suape)
- Dona Hilda e mais 5 filhos possuem casa na Vila Nova Tatuoca
- Apenas um dos filhos efetivamente mora na vila ã Edson Antônio da Silva (presidente da Associação dos Moradores da Nova Tatuoca), Dona Hilda passa mais tempo na casa da filha em Massangana e frequenta a vila nos finais de semana.
- A família de Dona Hilda não foi relacionada durante a dinâmica de família ampliada, possivelmente por hoje não ter a mesma convivência com os antigos moradores da Vila Nova Tatuoca.

Família ã Maria Francisca

Matriarca - Maria Francisca do Nascimento

- Hoje Maria Francisca mora em N. Senhora do Ó, costuma visitar a Vila Nova Tatuoca nos fins de semana.
- 13 integrantes relacionados
- 6 filhos ã 3 homens e 3 mulheres; 2 ex- maridos, 1 ex- genro e 3 netos
- O ex-genro mora na Vila Nova Tatuoca
- 5 integrantes nasceram em Tatuoca (principalmente netos)
- 6 integrantes moram na Vila Nova Tatuoca, 4 filhos tem casa na Vila e apenas, 2 moram na vila (entre eles Marli)
- Possuem muitas relações listadas como família ampliada

Família Maria de Deca

Matriarca - Antonia Alves da Silva ã nasceu da Ilha de Tatuoca e faleceu em 2004

- José Onório da Silva, patriarca falecido em 1991, nasceu na Ilha de Tatuoca
- 19 integrantes relacionados
- 7 filhos ã 5 homens e 2 mulheres e todos nasceram em Tatuoca
- 10 integrantes moram na Vila Nova Tatuoca
- 6 filhos possuem casa em Tatuoca ã 3 moram na Vila Nova Tatuoca
- Durante a apresentação, foram acrescentados 2 novos peixinhos, cunhada e sobrinha de Deca. Janiene Maria dos Santos que mora na Vila Nova Tatuoca e é uma das principais lideranças da vila. Sua filha, Sofia, já nasceu na Vila Nova Tatuoca
- Possuem muitas relações listadas como família ampliada

Família Maria do Carmo

Matriarca - Maria do Carmo da Conceição ã 79 anos (chegou na Ilha de Tatuoca aos 15 anos)

- Maria do Carmo da Conceição mora na casa 10 bloco C da Vila Nova Tatuoca
- 41 integrantes relacionados, 13 foram acrescentados durante a apresentação da genealogia na comunidade
- 9 filhos ã 4 homens e 5 mulheres; a filha mais velha é falecida. Binha, uma das principais lideranças na Vila Tatuoca é neta de Dona Maria do Carmo foi ouvida para produção da genealogia.
- 29 integrantes nasceram em Tatuoca
- 27 integrantes moram na Vila Nova Tatuoca, 7 filhos tem casa na Vila e apenas, 5 moram na Vila Tatuoca e 2 netos também possuem casa e moram na na vila (entre eles Binha)
- Possuem muitas relações listadas como família ampliada

Maria Francisco

Marlete Francisco de Lima ã Antônio Osório da Silva ã Marli Ferreira do Nascimento ã Letícia Alves da Silva ã Alícia Alves da Silva ã Gilvatene Maria da Silva ã Josefa Gilvanete Alves (Binha) ã Edjane Maria da Silva ã Thaís Alves da Silva ã Alisson Lopes Duarte

A Família ampliada de Letícia

Marli Ferreira do Nascimento ã Maria Francisco de Lima ã Lucas Francisco de Lima ã Maria José da Silva (Deca) ã Antonio Onório da Silva ã Vitória Maria da Silva Santana ã Marta Marieli da Silva ã Luano Francisco de Lima ã Mariana Antônio da Silva ã Marcos Antônio da Silva -

A Família ampliada de Mayara

Lucas Francisco de Lima ã Isaque Onório da Silva ã Gilson Onório da Silva, Maria José da Silva (Deca) - Maria Madalena da Silva - Antonio Onório da Silva - Vitória Maria da Silva Santana - Marta Marieli da Silva - Luano Francisco de Lima - Mariana Antônio da Silva - Letícia Alves da Silva - Alícia Alves da Silva ã Amaro Agnaldo da Silva - Gilvanete Alves (Binha)

A Família ampliada de Binha

Maria José da Silva (Deca) - Janiene Maria dos Santos

A Família ampliada de Tainara

Marta Marieli da Silva

Legendas:

Letras vermelhas ã Família da Dona Hilda

Letras azuis ã Família de Maria Francisca

Letras verdes ã Família de Deca (Maria José da Silva)

Letras lilás - Família - Maria do Carmo

Algo que precisa ser ampliado é a compreensão dessas relações familiares, nos aprofundando mais nos dados coletados na construção da genealogia, buscando a amplitude que a família tem para a construção de uma memória coletiva, registrar mais histórias deste grupo que passou por um processo violento de remoção de suas casas e que hoje é capaz de entender que fez uma escolha ruim ao sair de ilha de maneira voluntária, pois sente falta do modo de vida e da boa qualidade da alimentação existente na Ilha de Tatuoca.

A memória

O processo de remoção dessas famílias da área onde ocupavam por gerações é demasiado complexo e doloroso para os moradores da atual Vila de Tatuoca. O discurso hegemônico sobre os benefícios atribuídos ao CIPS tornou invisível a história das comunidades realocadas, reforçando a ideia de que estas remoções foram necessárias para a realização de um bem maior que visava o desenvolvimento, inclusive da região para onde a vila foi realocada, e assim, isso também foi visto como uma das boas ações constituídas por SUAPE para diminuir o impacto gerado pela chegada do empreendimento na região.

A criação da Refinaria Abreu e Lima (RNEST) é idealizada desde a década de 1970, período de construção do Porto de Suape, mas só veio a ser implementada em 2007 e foi concluída em 2014, recebendo forte incentivo estatal graças à descoberta do petróleo na camada do pré-sal, o que ampliou o consumo dessa matriz energética no Brasil segundo o relatório da PETROBRÁS (2010). O processo de remoção atingiu uma grande quantidade de pessoas, como apresentada na tese de Mercedes Perez, ela afirma o seguinte:

O Estado de Pernambuco desapropriou 13.500 ha. - 27 engenhos - de terras de camponeses/as dos engenhos da Zona da Mata sul do estado para instalar o complexo industrial portuário Suape ã Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros - CIPS. (PÉREZ, 2016, p.)

Marques (2014) trabalhou com o conceito de sofrimento social e acompanhou o processo de deslocamento da população de Tatuoca da Ilha para a Vila, como também registrou os moradores que resistiram bravamente e não deixaram a ilha. Dentre eles, destacou Seu Biu, último morador da ilha que faleceu recentemente. Este trabalho trouxe um outro olhar para Ilha

de Tatuoca. Ela analisa que a Ilha de Tatuoca, hoje, não é mais uma ilha e sim um istmo, que passou a ter acesso ao continente a partir de um acesso construído pelas CIPS.

A Ilha de Tatuoca fica em Suape, a 52 km do Recife, o extrativismo e a pesca eram os modos predominantes de geração de renda. Ela é um exemplo da destruição de comunidades tradicionais do entorno, que sofreu deixando de ser uma ilha de fato, visto que passou a ter um acesso terrestre para chegar aos Estaleiros Atlântico Sul e o Promar. Com o projeto de instalação desses estaleiros, a comunidade foi contactada através de uma proposta indenizatória para ser retirada de seu local de origem e ocupar outra área construída para este fim, área esta que está sendo chamada de Nova Tatuoca. (Marques, 2014, p. 14).

Ela entendeu nativos como aqueles que nasceram em Tatuoca ou que chegaram lá quando crianças, levados pelos seus pais. Em seus estudos encontramos importantes conclusões que dialogam com questões encontradas com as atividades realizadas em nossa atividade de campo. A referida pesquisadora chama a atenção em seu texto a respeito da visão que os moradores tinham de Tatuoca como sendo um paraíso, onde tudo que se planta dá, o que dialoga bastante com o discurso da fartura de comida encontrada em Tatuoca e que falta hoje na Vila Nova Tatuoca.

Marques (2012) conseguiu identificar nas entrevistas com os nativos de Tatuoca as principais transformações econômicas ocasionadas a partir da chegada de Suape na região, principalmente pela escassez da vida marinha ocasionada pelo aterramento do mangue para as grandes construções que o Complexo de Suape exigia. Esse processo também influenciou a demanda de água potável na Ilha, pois as cacimbas existentes começaram a secar, o que tornou a vida no local mais difícil e muitos passaram a participar dos programas de profissionalização oferecidos por Suape para os moradores das comunidades atingidas. Porém, nas entrevistas, Katlyn conseguiu identificar que mesmo as pessoas tendo se formado nos cursos profissionalizantes, não foram inseridas nas oportunidades oferecidas por Suape, já que a escolaridade era preterida em relação ao conhecimento profissional. Esta vida cada vez mais precária fez com que algumas famílias deixassem a Ilha antes mesmo da indenização paga por Suape.

O trabalho de Marques acompanhou o processo de retirada da ilha e a partir daí tentamos buscar através das memórias como e quando se deu a chegada dessas pessoas em Tatuoca e sobre quais circunstâncias. A ilha não possuía acesso para carro até o ano de 2008, e a única forma de deixá-la era por barco, e a luz elétrica chegou à região na mesma época. A pesca era a principal fonte de renda e alimento da Ilha. Abaixo irei apresentar trechos dos relatos das moradoras entrevistadas.

Como chegaram à ilha:

óMeus pais ómoravaô lá. Os dois nascidos e criados na ilha. Nasci e criei meus filhos todos lá na ilha. Minha avó, ela era mãe da minha mãe. Eu me lembro dela. Eu era pequena, mas lembro. Ela era índia e ela era aleijada. Francisca. Minha avó veio fugida do cativoiroô. Entrevista 1

óEu nasci em Suape, mas eu fui pra Tatuoca tinha 15 anos de idade com meus pais. Ai me casei, tive os filhos.ô Entrevista 2

Temos algumas hipóteses de que a Ilha foi ocupada por trabalhadores rurais dos engenhos do entorno e, diante da fartura de comida disponível na região, resolveram ficar por lá. Uma das pessoas entrevistadas, por exemplo, chegou a realizar este percurso:

óEu morei em Tatuoca 50 e poucos anos. Ela já nasceu lá (a filha). O mais velho com quem eu cheguei lá foi Biu, entendeu. Em Tatuoca trabalhava eu e ele. Antes de lá eu vivia da cana e reclamava da vida, trazia pra casa pra cozinhar e às vezes não tinha o que??? eu comer. Ai a gente ia pedir esmolas. E em Tatuoca tinha o que comer, tinha as frutas. Aí eu fui com Biu, ele se admirou também. Ai melhorou a situação, tinha peixe e a gente repartiaô. Entrevista 3.

Antes da chegada de Suape, a Ilha possuía um dono (Zezinho Magalhães, inicialmente e, depois, Mané Borges) e os moradores trabalhavam um dia por semana para pagar o acesso à terra, trabalho este conhecido como foro. O dono deixava um administrador na ilha para acompanhar o trabalho dos moradores.

óAs casas eram de palha, aí tinha os moradores. Ai tinha outros povos que moravam na casa, povos de fora que moravam nas casas e não foi pros dias de serviço. Aí tinha o foro, tinha o dia de serviço daquela semana que roçava para o dono da Ilha de Tatuoca. Era Zezinho Magalhães, que morava em Maceióô. Entrevista 1

óTinha (administrador), depois foi Mané Borges. Era Severino, o dono era Seu Zezinho. (o trabalho dele era) Plantar, cortar mato, fazer foro das casas. Ele não tinha essas histórias não, chegava assim, onde a gente sentava assim... [Antigamente era essas casas de palha]. Ele sentava e conversava muito com a gente. Ele não tinha isso não, era rico não. Era muito legal eleô Entrevista 1.

A questão da posse da terra nos chamou a atenção, pois hoje o Estaleiro Atlântico Sul possui uma concessão ao uso da terra de Tatuoca, autorizada pelo Estado. Uma das entrevistas trouxe melhores detalhes sobre o que pode ter acontecido com o possível dono da Ilha de Tatuoca:

óA terra era dele lá, mas o que é que acontece. Meu avô, antigamente, o pai do meu pai, era dono dessas terras aqui (onde hoje fica a Vila de Tatuoca)... Essas terras eram do meu avô. Na época que Miguel Arraes entrou para ser governador, ele botou uma norma dos funcionários ter a carteira fichada. Quem deu esses direitos aos trabalhadores na época foi Miguel Arraes e quem não tinha empresa registrada, CNPJ, não respeitava as coisas... Começou a perder os seus bens, como meu avô perdeu e como ele (Seu Zezinho) perdeu as terras dele de Tatuoca. Quando Suape chegou para o grande desenvolvimento de Pernambuco, que é o Porto de Suape, aí foi dado a concessão de usos por 99 anos... Que não pode ser 100, aí foi 99 anosô. Entrevista 4.

Suaape começou a ser instalada na região, por volta dos anos 1970. Antes SUAPE era visto como algo positivo que levava médicos e vacinação para a Ilha. Desde essa época, em casos de necessidade de socorro, por exemplo, a gestão de Suape atendia aos moradores da Ilha, ou seja, estabeleceu-se uma relação muito próxima. Inicialmente, não foi possível cogitar os impactos negativos que adviriam desta relação. SUAPE chegou à Ilha de Tatuoca com um projeto social, montando uma olaria e distribuindo uma bolsa para que os jovens e adolescentes participassem desta ação:

óEra um projeto social de desenvolvimento local. O porto começou a mexer na cultura da comunidade... Aí começou a fazer um projeto social para manipular o povo. É a forma de Suape, porque ele manipula as pessoas de certa forma, que as pessoas pensem que Suape está ajudando. O uso dos tijolos era pra se vender, só que nunca se vendeu nada e os tijolos continuam lá, que era pra ser usado nos prédios que seriam construídos dentro de Suape. Isso. Eles pagavam uma bolsa pra essa família fazer os tijolos e esses tijolos depois seriam vendidos para eles. Rapaz, isso tem bem uns 30 anos. Tem uns 24 anos que eles chegaram lá. Eu trabalhei nesse projeto quando era meninoô Entrevista 4.

óDoutora Rejane vivia por lá. Doutora Rejane, grande amiga minha. Ela trazia pra hospital e levava pra hospital. Era uma grande amiga minha. Ela levava no médico, trazia do médico. Ela era uma mãe pra gente. Eu sei que ela ajudava demais, ela levava pro hospital, voltava. Ela trazia pra casa e a minha menina, quando tava morrendo cansada, ela levou e quando vinha ele já trazia dez conto e entregava e ajudava. Me ajudou demais. Foi um pai e uma mãe pra mim, coisa que eu não tinha, ele davaô Entrevista 1.

Doutora Rejane integrava a equipe dos projetos sociais de SUAPE e está lá até os dias de hoje.

Para a comunidade o complexo portuário trouxe benefícios quando construiu acesso para carros, eletricidade e auxílio nas necessidades de problemas de saúde. Essas relações influenciaram na forma como a comunidade deixou Tatuoca. Um dos entrevistados explica como é difícil, por exemplo, bater de frente com SUAPE, quando muitas pessoas mais velhas acreditam que Suape fez o melhor para eles:

óAi vocês pesam??? essa credibilidade a eles. É isso que eu levo nas reuniões e nas audiências públicas e muitas vezes eles não querem que eu fale, por que eles não focam em cima da diretoria. Muitas vezes eles não querem que eu fale deles,ô Entrevista 4

Este projeto trabalhou com uma comunidade que passou por muito tempo isolada social e geograficamente do recente desenvolvimento econômico no município de Ipojuca, seja através do Porto de Suape ou do turismo desenvolvido na região nos últimos 20 anos.

A Ilha de Tatuoca, também foi uma das primeiras comunidades a ter contato com o grupo gestor do Complexo de Suape. Os relatos das moradoras são muito ricos para a compreensão da vida na Ilha, para identificar a população daquela região como pescadores e agricultores e que foram expulsos de suas terras, como tantos outros no Brasil, a partir da força do discurso desenvolvimentista em contraponto ao respeito aos grupos tradicionais que viveram por muito tempo em regiões que antes não eram de interesse do capital nacional e estrangeiro. Este

impactos gerados principalmente nos moradores destes territórios considerados estratégicos normalmente não são ouvidos e são as principais vítimas, perdendo tudo que construíram ao longo do tempo.

O impacto da remoção destas famílias não é levado em conta, pois geralmente a população local fica a margem dessas transformações e não participa do chamado desenvolvimento de Suape. Ao mesmo tempo, se não somos nós a registrar a história da Ilha de Tatuoca, ela corre um grande risco de ser apagada a partir do discurso oficial de desenvolvimento de Suape. Com isso, não ouviremos o lado dos vencidos e sim dos vencedores, que são capazes de produzir material e conhecimento técnico científico e difundir um discurso que não leva em conta as consequências do desenvolvimento.

Considerações Finais

A produção da história perpassou pela construção do discurso e na história construída durante séculos sempre nos deparamos apenas com uma versão hegemônica. A memória e a oralidade dos grupos tradicionais pouco foi respeitada na chamada história oficial e coube aos historiadores revisionistas mostrar o outro lado dos fatos, utilizando de fontes diferentes que os documentos oficiais e trabalhando com metodologias mais participativas. O trabalho desenvolvido em Tatuoca segue por este pressuposto. Precisávamos registrar o modo de vida da Ilha, através da genealogia e da memória das mulheres que compõem o projeto e apresentar ao mundo o que aconteceu na região. Se não fizéssemos isto hoje, no futuro próximo será esquecido que pescadores viviam na Ilha, e sem memória não existe pertencimento, não existe construção de identidade.

A memória foi o nosso conhecimento adquirido durante toda a nossa vida. Graças a ela, nos é possível relacionar o passado, presente e futuro, pois a partir dela podemos resignificar experiências de vida com o passar do tempo. Através de uma memória coletiva é que me sinto integrante de uma comunidade, é possível identificar-se com o outro e ter a solidariedade que representa a caracterização do ser humano. A partir do sentido dado a memória coletiva eu me sinto integrante de algo maior e reconheço nos outros elementos comuns a mim. Sem a memória coletiva não haveria identidade cultural, pois vivemos a partir do momento do reconhecimento e do respeito ao outro.

Chimamanda Adichie (2012) reafirmou a importância de conhecer esta história diferente e identificar-se como parte dela como algo primordial para a construção de identidade e pela luta por outra visão de mundo possível. Fomos acostumados a ver a partir da perspectiva do

colonizador. A História, na perspectiva do colonizado, é completamente diferente. Ela não se inicia com a ocupação dos europeus em África ou nas Américas, elas já existiam de outra maneira, a partir da visão dos povos originários.

Vattimo (1992), em *ÓA sociedade transparente*, analisou a construção de pós-modernidade na perspectiva histórica. Para ele, a ideia de modernidade dá a entender que a história da humanidade seria uma linha reta que sairia da barbárie até o total desenvolvimento e, assim, imperaria um discurso único, típico da modernidade. Para Vattimo, nós não somos mais apenas modernos, pois a atualidade tem se demonstrado diferente dos ideais da modernidade e ele tem uma visão esperançosa sobre o conceito de pós-modernidade, pois têm surgido diferentes grupos sociais que estão se fortalecendo a partir do uso da mídia e dos meios de comunicação. Ao invés de surgir um discurso único, vivemos o contraponto do discurso nos dias de hoje, pois mesmo que estes grupos ainda não tenham atingido o poder econômico e político hoje a tecnologia e a pesquisa de âmbito social permite conhecermos outros pontos de vista históricos e culturais. Para ele fragmentação é equivalente a democratização.

Diante disso, acreditamos que os relatos dos moradores da Ilha de Tatuoca são muito ricos para a construção de outra narrativa da história de Suape no litoral sul de Pernambuco, pois nos trás o olhar daqueles que foram expulsos de suas terras, como tantos outros no Brasil, a partir da força do discurso desenvolvimentista, em regiões que atualmente são de interesse do capital nacional e estrangeiro.

Tivemos clareza que este trabalho foi um projeto importante que integra pesquisa e extensão. Isto me deu a certeza de estar envolvida em um projeto único, onde fomos capazes de propor novas metodologias e criar práticas que ampliam a lógica de ver a fonte documental como única referência para a história como ciência. Chegamos à conclusão que estamos criando documentos históricos quando nos propomos a sistematizar dados que representam a história de Tatuoca e reconheço a necessidade de dialogar com os dados produzidos com outras leituras e pesquisas, que pretendo superar com a continuidade da pesquisa em um futuro mestrado.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo de uma História Única**, em palestra TED em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br acessado em 10/02/2017
- BAUER, M. W.; GASKELL, G (orgs.) **Pesquisa qualitativa como texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

FERRO, Marco. **História das Colonizações: das conquistas às independências**. Companhia das Letras, 1996.

Habitacional Vila Nova Tatuoca - <http://www.suape.pe.gov.br/pt/comunidades/comunidades-consolidadas/habitacional-vila-nova-tatuoca>, Site SUAPE acessado em 08/03/2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARQUES, Katlyn Kelly Duclerc. **Moradores invisíveis: o sofrimento social dos moradores da Ilha de Tatuoca - Ipojuca ã PE ã em seu processo de desterritorialização/** Recife: [s.n.], 2014

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2008, 5-10.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

PEREZ, Mercedes Sola; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. Desenvolvimento e conflito territorial ã primeiras reflexões sobre as comunidades atingidas pelo complexo industrial portuário de Suape- PE, Brasil. **Revista de Geografia (UFPE)** V 29. No. 2. 2012

PÉREZ, Mercedes Solá. **R-existências dos camponeses/as do que hoje é Suape: justiça territorial, pós-desenvolvimento e descolonialidade pela vida**

PERROT, Michelle. **Las Mujeres e los silêncios de La historia** em Por qué recordar? Buenos Aires: Garnica, 2006.

PETROBRÁS. Plano de Negócios 2010-2014. 2010. Disponível em: <http://www.investidorpetrobras.com.br/pt/comunicados-e-fatos-relevantes/fato-relevante-plano-de-negocios-2010-2014>Acesso em: 24 jan. 2019.

VAINSENCER, Semira Adler. **Suape ã Porto e Complexo Industrial. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco. Recife.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

ANEXO:

Diretrizes para Autores

As submissões enviadas à Revista Rural Urbano devem seguir as seguintes diretrizes:

- Os textos submetidos à Revista Rural Urbano serão avaliados pelos membros do Conselho Avaliador seguindo sistema de avaliação por pares às cegas, reservando-se a Comissão Editorial o direito de aprovar totalmente, aprovar com ressalvas ou recusar a submissão. No caso de aprovação com ressalvas os textos serão devolvidos aos autores para eles realizem as correções sugeridas pelos referees. Em caso de parecer conflitante, os editores solicitarão um terceiro parecer para dirimir a divergência;
- A revista receberá artigos em português, inglês, espanhol e alemão;

- Os textos devem ter de 10 a 20 páginas e deverão conter **título** (na língua original, em português e em inglês). Pede-se que os autores do documento a ser submetido excluam do texto seus nomes, bem como seus endereços postais e eletrônicos;
- Os textos também devem ter **resumo** de até 200 palavras, seguindo de três até cinco palavras-chave (na língua original, em português e em inglês);
- Devem ser submetidos arquivos em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF, com espaçamento 1,5 entre linhas, letra Times New Roman corpo 12 e em papel A4, com margens superior e direita 2 cm e esquerda e inferior 2,5 cm;
- O **Título** do artigo deve ser fonte 14, estar todo em negrito e em maiúsculo, e centralizado. Os **Subtítulos** devem ser fonte 12, recuado à esquerda, em negrito e com as primeiras letras das palavras em maiúsculo.
- O início de cada parágrafo deve ter o recuo para a esquerda de 1,25 cm. Não dar espaços entre os parágrafos. Configurar o espaçamento do Layout da página com 60 ptô antes e depois;
- **Tabelas, figuras, gráficos e fotografias** devem ter no mínimo 300 dpi e, além de inseridas no texto centralizados, devem ter chamadas segundo ordem numérica. Também devem ter o título explicativos acima com fonte Times New Roman tamanho 12 e a indicação de autor e/ou fonte na parte inferior de fonte Times New Roman tamanho 11;
- As **citações** textuais de menos de três linhas deverão aparecer no decorrer do texto e entre aspas. As citações que ocuparem mais de três linhas deverão ser destacadas do parágrafo, com recuo de 4cm, sem aspas nem itálicos e em letra Times New Roman de tamanho 11. Nos dois casos, deve-se citar a referência (AUTOR, Ano, página);
- As **referências** devem estar alinhadas à margem esquerda do texto, com espaçamento simples e separadas entre si por espaço duplo. Deve-se organizá-las seguindo rigorosamente aquilo que determina a NBR 6023/02 da ABNT ([Acesso aqui](#)).